

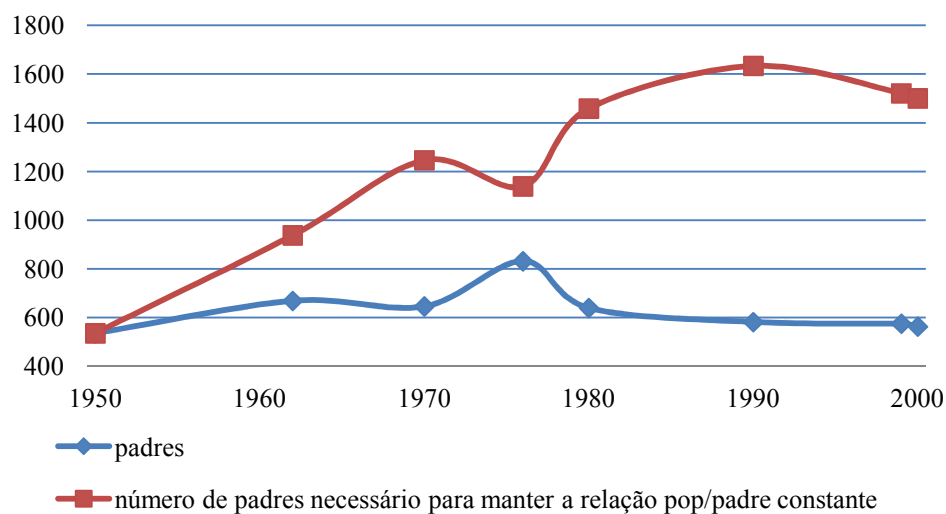
4 O mercado religioso brasileiro

A localização e o perfil dos evangélicos colocam algumas hipóteses a serem investigadas quanto ao impacto da estrutura de mercado no processo de diversificação religiosa. Em particular, pode-se ressaltar a relação entre o padrão de diversificação religiosa e a presença da Igreja Católica; e a relação entre esse padrão e as condições de vida da população.

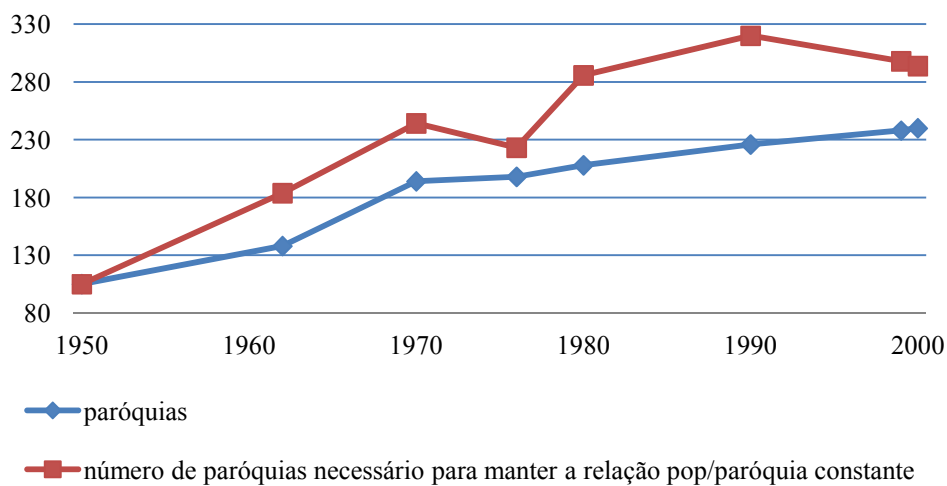
Em relação ao padrão de diversificação religiosa e a presença da Igreja Católica, é preciso atentar para o fato de que a Igreja Católica perde fiéis, principalmente, nas periferias urbanas e nas frentes pioneiras consolidadas ou em expansão. Como argumentado no livro “Religião e Sociedade em Capitais Brasileiras”, considerando-se que ambos os territórios correspondem a espaços de ocupação recente, uma hipótese plausível é de que a Igreja Católica não tenha sido incapaz de se expandir de forma a acompanhar o crescimento espacial nessas áreas. Tal suposta incapacidade de expansão pode ser explicada tanto pela estrutura burocrática⁷ quanto pela inexistência de um contingente de sacerdotes para preencher novos cargos. Primeiro, a estrutura burocrática impõe que cada paróquia conte com um padre de dedicação exclusiva. Dessa forma, o número de paróquias e, conseqüentemente, a capacidade de expansão física da Igreja Católica está necessariamente ligada ao número de padres recrutados. De fato, os dados da Arquidiocese do Rio de Janeiro⁸ mostram que o número de padres foi insuficiente para manter a relação população/padre constante nesta região metropolitana. Por sua vez, o número de novas paróquias católicas foi insuficiente para manter a relação população/paróquia constante no período de 1950 a 2000.

⁷ Um exemplo da burocracia da instituição é o fato de cada Bispo ser responsável por sua jurisdição e reportar diretamente para Roma. Não há um órgão de planejamento central dentro do país, o que certamente dificulta uma visão mais abrangente do processo de diversificação religiosa.

⁸ A área da Arquidiocese do Rio de Janeiro coincide, em grande parte, com a área da cidade do Rio de Janeiro.

Quadro 3 Padres da Igreja Católica na Arquidiocese do Rio de Janeiro

Fonte: Catholic Hierarchy

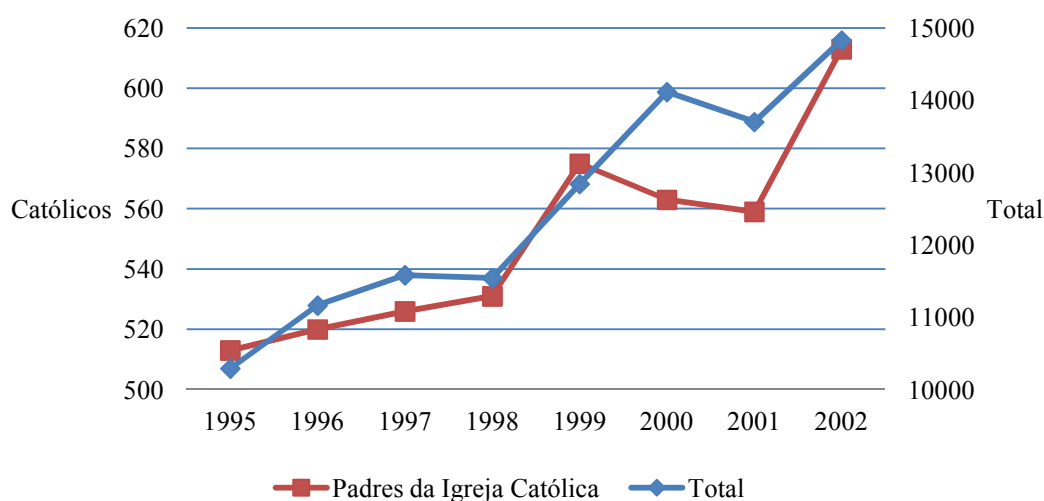
Quadro 4 Paróquias na Arquidiocese do Rio de Janeiro

Fonte: Catholic Hierarchy

A seu turno, os dados da RAIS confirmam que, enquanto o número de padres cresceu, aproximadamente, 24%, o número total de profissionais religiosos cresceu 50% de 1995 a 2002. Esses números vão de encontro ao fato da formação de padres ter alto custo e ser de

longa duração, enquanto as Igrejas pentecostais não exigem qualificação formal dos pastores. Logo, do ponto de vista do número de “funcionários” disponíveis, as igrejas evangélicas tinham maior capacidade de expansão do que a Igreja Católica. Outra possível causa da menor capacidade de expansão relativa da Igreja Católica seria custos fixos maiores de “abrir” uma nova paróquia. A Igreja Católica mantém um portentoso padrão de tamanho e riqueza de suas construções. Em contrapartida, uma igreja evangélica tem padrões muito flexíveis, podendo se resumir a uma sala e algumas cadeiras.

Quadro 5 Empregados em instituições religiosas na cidade do Rio de Janeiro



Fonte: RAIS

Desta forma, pode-se considerar a possibilidade de que a maior concentração de protestantes nas periferias urbanas e frentes pioneiras se relacione com a menor quantidade dos serviços religiosos católicos ofertados nessas áreas. Uma vez que a possibilidade de saída do mercado é pequena, ou seja, a Igreja Católica não pode facilmente “fechar uma filial”, é plausível que a dificuldade de expansão se traduza em piores serviços nas áreas de ocupação recente. Assim, a incapacidade do incumbente de se expandir teria criado nas áreas de ocupação populacional recente mercados menos competitivos. Por conseguinte, esses mercados seriam mais atrativos para as igrejas nascentes.

Ao mesmo tempo, tem-se que as áreas de crescimento das igrejas evangélicas se caracterizam pela presença de população carente de assistência social. De fato, os anos 80 e 90 foram marcados pela crise econômica e pela ausência do Estado como instrumento de

promoção social, tendo se formado bolsões de pobreza nas periferias urbanas. Por conseguinte, devido ao intenso trabalho de acolhimento e formação de redes de solidariedade pelas igrejas evangélicas, principalmente as pentecostais, essa população carente torna-se suscetível a ingressar em tais comunidades religiosas. Tal quadro aponta para a importância das relações entre condições de vida e o crescimento dos evangélicos. É preciso ressaltar que essa relação entre assistência social e demanda por serviços religiosos evangélicos, embora documentada na literatura, não é indispensável para a análise. Uma interpretação alternativa, e mais simples, seria de que certos tipos de consumidores têm preferência por serviços evangélicos.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é estimar um modelo que permita distinguir as duas hipóteses listadas acima: a importância do comportamento da Igreja Católica e das preferências dos moradores das periferias urbanas para a expansão dos evangélicos. Ou seja, a concentração de evangélicos em determinadas áreas pode ser resultado de um posicionamento estratégico dessas igrejas em mercados menos competitivos; ou pode estar ligada ao fato do público alvo dessas congregações estar localizado nessas áreas. Nesse sentido, o modelo parametriza a decisão de entrada das diferentes congregações evangélicas nos bairros da cidade do Rio de Janeiro de acordo com as variáveis demográficas e a presença da Igreja Católica nos respectivos mercados. Ademais, a análise do tamanho de mercado crítico para entrada de igrejas católicas e evangélicas pode esclarecer a veracidade das hipóteses sobre a diferença da estrutura de custos das duas “instituições”.